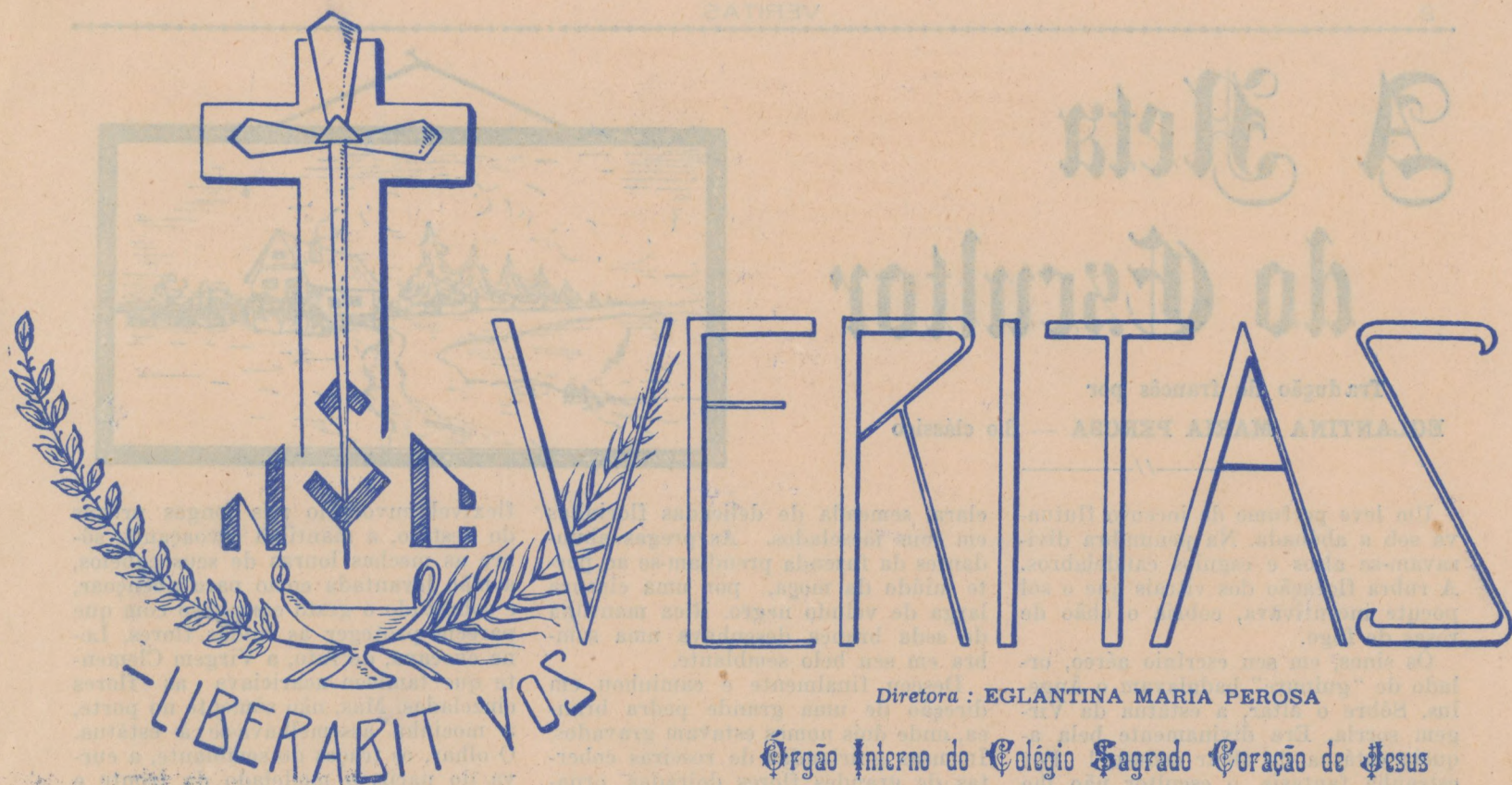




Diretora : EGLANTINA MARIA PEROSA

Órgão Interno do Colégio Sagrado Coração de Jesus

N.º 28

CAMPINAS, NOVEMBRO DE 1955

ANO 10

FLORIRAM OS «FLAMBOYANTS»...

Mais uma vez floriram os «flamboyants»...

A sinfonia divina da natureza expande-se em catadupas de purpúreas tonalidades e a galharia verde, floresce, espontânea, exuberante, colorindo a tarde que morre esquecida no bulício da cidade.

Enquanto a gente desce as escadas para o jantar, os olhos repousam estasiados na visão florida, que mais se incendeia, aos raios do sol poente, e o coração, entre alegre e pesaroso, vai cantando baixinho: Chegaram as férias!

Chegaram as férias!... E para vocês que se despedem por 3 meses apenas, colegas queridas, o flamboyant sorri em notas alegres, a melodia fascinante de colegiais em férias...

Vocês voltarão e outros novembros hão de voltar também, trazendo em suas tardes cálidas o sorriso alegre de «flamboyants» floridos...

Mas, algumas de nós partiremos pela última vez! E' porisso que quando o vemos, majestoso, descansar a ramagem florida sobre os velhos muros de nosso colégio, a alma da gente soluça baixinho o poema da saudade, o doce hino da gratidão!

E a gente se lembra de tudo! Da passaraada alegre nas mangueiras do pátio. Quanta vez não me irritei com seu alarido!... Hoje, sinto vontade de ouvi-la horas inteiras, guardar-lhe o queixume como relíquia sagrada destas horas mansas, felizes, vividas juntinho do céu!...

Subo as escadas, alisando-lhes o corrimão, por derradeiras vezes. Cruzo

Férias... Adeus...

com alguém que me diz da minha desordem, dos meus sapatos sem graxa, e cada vez vou prestando mais atenção nessas pequeninas coisas. Elas têm de fato uma sonoridade deliciosa!

Hei de guardar meus sapatos gastos, minha saia que já quase mostra os joelhos, minha blusinha diária... Quero que todos saibam que existe sim, um pedacinho no mundo, onde não se avalia a pessoa pelo corte Dior de seu traje, nem pelo perfume parisiense que exala de seu todo. Onde se é feliz, muito feliz justamente porque se vive anos, 16 anos às vezes, não é mesmo Lena, dentro de uma saia azul e uma blusa branca.

Os exames estão marcados, o tempo corre e a gente sente que com ele se vão os melhores anos de nossa vida, o melhor de tudo que já vivemos até agora.

Passo os olhos pelas carteiras do estudo e vejo colegas que se foram... Outras que as substituíram. De cada uma ficou-nos uma reminiscência, um sorriso de bondade, um gesto de carinho, uma lágrima chorada junto e que nos aqueceu o coração!... Detenho-me. Logo ali, na penúltima carteira da fileira do meio, Inês sorri para mim, naquela sua exuberância e camaradagem amiga. Hoje seu lugar está vazio e eu, chorando em silêncio, esta saudade, procuro esboçar na página em branco de sua ausência um pouco da

luz e calor que a sua presença me traz. Duas carteiras adiante e a Beatriz Loirinha, olha com dois olhinhos de bola de gude, preocupados, para mim. E assim sucessivamente, aquele encanto de Lenira, a Angelica, a Lurdes Miziara, a Aguiar, a redondinha Galli, as gêmeas. Tôdas parecem tornar a aquele 52 saudoso e tantas vezes expressivamente revivido na alma da gente.

Agora outras também roubaram pedaços de nossa afeição. E bem ao meu lado, na afirmação mais fiel desta verdade, «os zóio de gato bravo» da minha Terê, se arregalam carinhosos para mim. Que falta êles me hão de fazer, Deus do Céu!... Pouco adiante, alguém vem chegando, não de metralhadora em punho... mas num sorriso largo, sincero, que traz o próprio coração nos lábios e que vai até o mais fundo daquilo que se chama «anima», num corpo de gente. Ao senti-la junto de mim, querida Lena, mais me convenço do quanto vale a afeição na felicidade da gente.

E o número cresce sempre mais. Vem então a minha Aninha querida, falar de saudade, dentro da saudade já tão grande que a gente está vivendo, nestes dias... e com ela, o meu anjinho azul, aquele sonho do céu que é a Cidinha vai fazer-me sempre lembrar do paraíso que nos oferece a alminha pura de uma criança. Como esquecer também a amizade meiga, mansinha e silenciosa da minha Helô? E as companheiras de jornada? O olhazinho meigo da Wilma? A amizade

(Conclui na 7.ª pág.)

A Meta do Escultor

Tradução do francês por

EGLANTINA MARIA PEROSA — 3.º clássico



Um leve perfume de incenso flutuava sob a abóbada. Na penumbra divagavam-se altos e esguios candelabros. A rubra floração dos vitrais que o sol poente incentivava, cobria o chão de rosas de fogo.

Os sinos, em seu escrínio aéreo, orlado de "guipure" badalayam o Angelus. Sobre o altar, a estátua da Virgem sorria. Era divinamente bela aquela estátua de olhar sedutor! Por estranha fantasia, o escultor não lhe dera a pose clássica das madonas que se veem nas Igrejas.

Sob um véu ligeiro para o qual o mármore tomara a fineza da seda, duas mechas de cabelos coroavam a fronte puríssima. O artista não lhe jogara um manto sobre as espáduas. O corpo envolvia-se, simples e castamente numa túnica de pregas delicadas. Dois lírios, talhados na pedra, com uma incrível habilidade, vinham desabrochar junto da cintura. A mão esquerda acariciava-lhes as corolas de mármore. A direita, num gesto infinitamente doce, parecia traçar um sinal de bênção. Nos ombros da Madona, o desconhecido artista, cinzelara uma pomba cuja asa afagava familiarmente o semblante da estátua. E o belo sorriso tão terno e tão bom que acolhe a carícia das flores e o afago do pássaro, justificava plenamente a inscrição esculpida no pedestal: Virgo Clemens.

Na capela, até então silenciosa, um passo leve despertou por instantes, um eco.

Uma jovem ajoelhada a um canto, levantou-se e, endereçando mais uma vez o mais belo sorriso de amor à Virgem, benzeu-se e saiu. Transpondo a grade onde as volutas e os arabescos pareciam brotar de uma coluna de granito rosa, ela se viu no cemitério. Chorrões, folhagens, rosas e mais folhagens ainda. Vegetação livre e intensa. Aqui e acolá, grandes lajes de pedra branca à sombra trêmula dos salgueiros, sob guirlandas de esguias roseiras. Sobre estas pedras viam-se inscrições cobertas de pétalas de rosas, fôlhas murchas dos salgueiros, espinhos de pinheiro cheirosos.

A jovem mantinha-se de pé sobre os degraus do átrio, no meio do portal. Permanecia em meio à semi-obscuridade, como se surgisse diretamente dêsse meio, desta paz sagrada cuja essência ela mesma parecia encarnar.

Trajava um vestido de seda leve,

clara, semeada de delicadas florinhas em tons mesclados. As pregas abundantes da fazenda prendiam-se ao porte miúdo da moça, por uma cintura larga de veludo negro. Rica mantilha de seda branca desenhava uma sombra em seu belo semblante.

Desceu finalmente e caminhou em direção de uma grande pedra branca, onde dois nomes estavam gravados. Imensas guirlandas de roseiras cobertas de grandes flores doiradas, ornavam a nudez fria da lage.

A moça sentou-se à borda da pedra. Sem afastar os cachos de rosas que pendiam ao vento, como para ler com ela as duas inscrições, ela soletrou à meia voz:

Rosa Pernez — 20 anos

Madalena Tarin Y Pernez — 20 anos

B. I. P.

Olhou pensativa o último nome que reproduzia exatamente o seu. Rendeu ainda. Sua voz de timbre um pouco velado, deslizava e se expandia no ar tépido. E ela permaneceu imóvel, pensando que tinha apenas 19 anos. Sob o algarismo 20, com a ponta do dedo, traçou distraidamente: 19.

Ali repousavam sua vó e sua mãe. Morreram jovens as duas, do mesmo mal misterioso e terrível que em algumas horas as arrebatara para o túmulo. O pai de Madalena, criara a filha de sua filha. Tinham ficado sòzinhos, o velho e o bebê, pois o pai da criança deixara-se morrer na África, após a morte fulminante de jovem esposa.

Leninha não tivera pois, outros pais que seu avô. Habitavam uma casinha próxima da igreja. Uma velha criada incumbia-se de dirigir os serviços de casa, plantada no meio de um grande jardim. Quatro plátanos gigantes, cobriam-na com sua sombra.

Lena vinha sempre, como o fazia agora, orar à Virgo Clemens e sentar-se sobre aquela tumba.

De repente, um passo fêz estalar o cascalho. Uma mulher penetrava no recinto. A aldeã acercou-se de Lena, que se sobressaltou, assustada com aquela súbita aparição. Levantou-se sobre a lage, a mão direita levantada num gesto de surpresa, a esquerda desviando numa carícia, um ramo de belas rosas doiradas.

A velhinha exclamou:

— Ah! como te pareces com a Virgem da Capela!

E era mesmo! Assim, de pé, o talhe

flexível envolvido nas longas pregas do vestido, a mantilha esvoaçando sobre as mechas louras de seus cabelos, a mão levantada como para abençoar, e sobretudo o gesto carinhoso com que parecia proteger as lindas flores, Lena evocava, de fato, a Virgem Clemente que também acariciava as flores cinzeladas. Mas, não somente no porte, a mocinha assemelhava-se à estátua. O olhar, os traços do semblante, a curva do nariz, o modelado da fronte e ainda mais o sorriso da boca rosada, lembravam os traços da Madona, tanto quanto uma figura humana podia lembrar uma figura de pedra.

E a anciã prosseguiu:

— Aliás, isto não é nada surpreendente. Tua mãe a ela se assemelhava muito mais. E tua avó, a pobre Rosa, serviu de modelo ao marido quando este cinzelou a imagem.

— Como? Que dizes? exclamou Madalena. Foi vovô que fêz a Virgem Clemente? Então ele era escultor?

— Como não? Então, não o sabias? Quando idealizou aquela Virgem, Luís tomou sua mulher por modelo. Ao acabá-la, achou-a tão linda que fêz o juramento de nunca mais usar o cinzel que criou semelhante obra. E costumava dizer que a Virgem no seu céu não devia ser mais bela que aquela estátua. Isto deixava Rosa muito triste. Aliás, pouco tempo depois ela morria. Tua mãe ainda estava no berço, a pequenita. E morreu também, tão jovem! Oh! meu Deus, as duas tinham 20 anos!

E a velhinha lá se foi meneando a cabeça. Pouco depois, desaparecia sob o portal. Madalena permaneceu sòzinha entre os túmulos floridos... completamente só no pequeno cemitério.

Em seguida, ela também se retirou. A passos lentos, retornou à velha mansão onde o avô á esperava. No jardim, as flores desabrochavam abundantemente tomando na penumbra verde de folhagens, formas e esplendores nunca vistos.

Luís aguardava-lhe a chegada, de pé, em meio de suas flores.

Era um velho simpático, alto e forte ainda. Tinha a fronte espaçosa e nobre, nariz aquilino e boca severa. A idade não conseguira extinguir a chama que ainda lhe brilhava nos olhos negros. Sorriu à Lena, enquanto esta

(Continua na 7.ª pag.)

À MERGÊ da SORTE

Maria Helena de Melo Pupo
3.º clássico

Aquêle foi um dia diferente dos outros: eu tinha três anos. Com um uniforme xadrês, cabelos bem penteados e uma lancheira novinha, entrei conduzida por minha mãe, pelo portãozinho misterioso do colégio imenso.

Subimos as escadas e fomos dar à sala onde havia muitas crianças, vestidas como eu, porém bem mais crescidas. Mal fui vista, rodearam-me, fazendo mil e uma perguntas. Olhavam-me sorrindo umas, desconfiadas outras e alguns garotos caçoavam, perguntando se eu ainda tomava mamadeira.

O que acontecera, porém, era muito simples:

duas fugas para brincar no vizinho, mais outra para passear na carroça do fruteiro, e uma cuspidinha dada num transeunte, quando este passava sob nossa janela, haviam sido causa da minha prematura entrada no jardim da infância, depois mesmo de haverem começado as aulas.

Tentando livrar-me da curiosidade excessiva dos meus colegas mirins, eu procurava mamãe que logo aproximou-se, acompanhada de uma Irmã e recomendou-me:

— Fique boazinha, logo venho buscar você.

E sem que eu tivesse tempo de falar, foi-se embora rapidamente.

Um desespero imenso apoderou-se de mim, quando vi minha mãe desaparecer na escadaria, tentei correr atrás dela, mas fui detida pela Irmã que procurava consolar-me. As lágrimas porém foram sem fim. Apavorava-me a idéia de que mamãe me houvesse abandonado. E eu lhe queria tanto! Ela nunca me havia deixado sôzinha! Oh! meu Deus, será que hoje eu iria dormir no colégio?...

E assim o dia inteiro passou-se, enquanto eu, desfeita em lágrimas, lembrava-me de casa, dos meus brinquedos, principalmente daquele ursinho feio, mas muito querido, sentindo falta do aconchêgo gostoso de filha caçula que eu tinha em casa.

Porém só à tarde, daquele dia que a mim me pareceu interminável, a figura de minha mãe desenhou-se na porta da sala. Corri ao seu encontro, enlacei-me no seu pescoço, dando-lhe um mundo de beijos.

Voltei feliz para casa, mas nos dias seguintes a cena repetia-se: lágrimas, súplicas, carinhos, promessas, todos os meios eram empregados para faltar à aula.

Muito tempo passou, mas consegui ambientar-me. Aos 5 anos aprendi a ler, o que me deixou radiante, pois isso representava que aos 6 poderia entrar no 1.º ano, como realmente sucedeu.

Minha alma teve nesta época o primeiro encontro com Deus pela 1.ª Comunhão, o que me ensinou a amá-lo muito mais ainda.

Os 4 anos primários transcorreram lentos, vagarosos, e, curiosamente en-

tusiastada, entrei para o ginásio. Este porém, durou cinco anos e não quatro, fazendo-me ver na 2.ª série que nada se consegue sem esforço, lição que até hoje guardo.

Porém aquela menina feiosa, de aparelho nos dentes, briguenta, enfezada e folienta, embora crescida ali, era por vezes maleriada e não raro passava longas horas no escritório da Soeur Helena, sendo alvo dos olhares reprovadores de quem por ali passava...

O estudo apertava mais e mais, os castigos e as notas baixas sucediam-se. Mil vezes jurei melhorar, ao ver minha mãe chorando, porém continuava na mesma vida.

Certo dia, na 4.ª série, fazíamos prova de português com a professora nova.

Como sempre, eu não sabia nada. Tinha porém sangue frio; sentava-me

bem atrás, portanto, não seria difícil colar. Fitei a professora, enquanto sorrateiramente puxava a fôlha desejada de dentro da carteira. De repente, ela levantou-se e saiu da classe.

Como? Ela nos deixava sôzinha numa sabatina? Sim, e tinha sobretudo, a fisionomia calma, quando olhou-nos confiante, dizendo que voltava logo.

Fiquei confusa. As idéias embaralharam-se e pareceu-me estar encontrando comigo mesma, e o meu outro "eu" acusando-me de fraude e desonestidade.

Seria possível enganar alguém que em nós depositava tamanha confiança?

Amassei de repente a cola; levantei-me, entregando a prova quase em branco. Foi a última vez na vida que pensei colar...

Dois anos mais tarde, ela veio ser minha mestra. Entrou na minha vida, docemente, sem falar muito, mas dando-me um exemplo que gritava bem alto.

Aprendi, apesar do meu mau gênio,

(Conclui na 8.ª pag.)



Vinte e cinco anos de amor e sacrifício!

Homenagem do "Veritas" à querida Madre Maria Celina e Irmã Maria Aloísia.

Sentindo com os mesmos sentimentos delicados do poeta, as Irmãs e as alunas do "Coração de Jesus" deixam aqui congratulações e preces por esta data tão expressiva de sua vida religiosa.

TE DEUM LAUDAMUS!

CAMILO GUIMARÃES

Jubileu de Prata! Neste santo dia,
Há um florir de risos sôbre o vosso
[olhar.

A alma entoa salmos, cheios de alegria,
Ouve-se no espaço célica harmonia,
Pétalas de sonhos caem sôbre o altar.

Jubileu de Prata! Há um ciciar de
[rosas,

Embalando anos de recordação,
Cheios de silêncios, de horas fervorosas,
Cheios de saudades destas religiosas
Que foram ficando em vosso coração.

Vinte cinco anos! Que felicidade!
Cultivar na alma a religião e a fé.
Viver praticando sempre a caridade,
Quando postulante, em plena mocidade
Tendo como mestra Mãe Maria José.

Jubileu de Prata! Vosso olhar descansa
Longe, bem distante, a procurar Gra-
[mat,

A cidade meiga da ditosa França,
Com olhos de virgem e lábios de cri-
[ança,

Quantas mil lembranças ela vos trará.

Vinte e cinco anos! Que doce alegria
Do passado aos poucos, descansar o
[véu:

Soeur Maria Celina e Angélica Maria,

E Soeur Luís Gonzaga que neste áu-
[reo dia
Com a Irmã Suzana estará no céu.

Jubileu de Prata! Que felicidade
Vinte e Cinco Anos relembrar aqui.
Entregar-se a Cristo em plena moci-
[dade,
Ouvindo as palavras cheias de bondade
Da bondosa mestra, Mãe Jean de
[Jesús.

Vinte e Cinco Anos! Longo itinerário...
Carregando em vida uma sublime cruz,
Com os olhos fitos na Mãe do Calvário,
Virgem que abençoa vosso aniversário,
Derramando graças cheias de Jesus.

Jubileu de Prata! Canta hoje o pas-
[sado.

E' o florir dos sonhos do noviciado,
E' o dia que fica vivo, imaculado
Adornando sempre o vosso coração.

Jubileu de Prata a amanhecer bondades
Que o Senhor vos cubra de divinos
[bens.

De vossas alunas preces e saudades,
Destas religiosas mil felicidades,
Com os mais sinceros, ternos parabéns!

BÔDAS DE OURO

50 anos de Amor e Sacrifício escritos com letras de ouro no livro da vida religiosa de nossa querida Madre Luísa dos Anjos; 50 anos de amor e luz consagrados aos membros padecentes do Cristo e ao bem de nossa Pátria. À querida Madre Luísa dos Anjos, pelo Veritas, os cumprimentos e o carinho de nossas preces.



NOTRE MÈRE NO COLÉGIO

Acha-se entre nós, vinda de Gramat, França, a querida Madre Geral de nossas Irmãs. O regosijo de nossas Mestras é também nosso e não queríamos nunca perder de vista o rosto maternal, santo, alegre e bom de nossa muito amada Notre Mère.

Que ela se sinta feliz entre nós, aqui no Brasil.

O "Veritas" traz, como poética e piedosa homenagem, êstes versos que lhe oferece um de nossos insígnies professores:

ANUNCIAÇÃO

Genaro Lôbo

Para coroar a obra, o Supremo Arquiteto,
Vendo o céu a esplender em tons de rosicler,
Na magia de um sonho idealizou, completo,
Um poema celestial. E, então... fez a mulher!

Deu-lhe a aurora a sorrir — lindas manhãs albescentes!
Contaram-se, em seu nome, encantadoras lendas,
Em que príncipes, reis, de ouro reluzentes,
Trouxeram a seus pés as ricas oferendas.

Faltava-lhe, no entanto, alguma coisa ainda,
Que o próprio Criador a princípio esqueceu:
Foi ela a mediadora e Lhe anunciou a vinda,
E se fez Mãe de Deus, quando Jesus nasceu.

Campinas, 15-11-1955

Uma festa que deixou saudades

Camilo Guimarães

Numa das tardes plúmbeas dos últimos dias de agosto, destas tardes inesquecíveis, com que a vida nos brinda, de vez em quando, destas tardes poéticas, em que a alma sente aqui na terra, um pouco do céu, tive a ditosa ventura de assistir

no Colégio Coração de Jesus, à sessão do Grêmio Sto. Tomás de Aquino; aí se unia à seleta assistência, o silêncio delicioso do ambiente, embebido pela conferência poética do Prof. Francisco Ribeiro Sampaio.

O Prof. Wilson Brandão Tófano, com palavras vibrantes, bem peculiares, fez a saudação ao conferencista. Saudação que causou profunda impressão, pelo seu modo especial de concatenação de idéias e pela magnitude de expressão.

Foi então, com uma destas emoções que me acobertou a alma, com uma destas emoções profundas e sinceras, que assisti o meu amigo e antigo mestre de Faculdade, o prof. Francisco Ribeiro Sampaio falar sobre o seu pai, numa brilhante conferência intitulada: "Um poeta Campineiro: Benedito Sampaio", o qual estava presente à mesma, fazendo parte da mesa.

Esta conferência do Prof. Sampaio, cheia de cultura e sinceridade, repleta de carinho filial e de eloquência, florida de poesia e sentimento, aureolada de doces expressões e peculiares gestos, deixou em nossa alma a magia surpreendente de um sonho de outono, realizou naquela assistência deslumbrada, o milagre do evangelho do amor filial.

Como é bom ouvir o antigo mestre, no seu modo de falar, na sua oratória amiga que empolga aos que ouvem.

Ainda o auditório embevecido pelo que ouvira do Prof. Sampaio, alegremente acolheu as palavras do presidente de honra do referido grêmio, Prof. José Roberto do Amaral Lapa, que com a sua peculiar eloquência, agradeceu em nome do Colégio e do Grêmio Sto. Tomás de Aquino, a elevada honra de o Professor de português da Faculdade, ter acolhido o convite e feito naquela tarde tão magnífica conferência.

Foi também com emoção, que Eglantina Maria Perosa, presidente do Grê-

mio saudou em nome do mesmo, o poeta, ali presente, Benedito Sampaio.

A segunda parte foi, como diria Jean Jacteau, "Le coeur de la fête". O conjunto melo-rítmico "L'Alouette", que vem se destacando, deslumbrou a quantos ouviram aquelas vozes delicadas de meninas-moças, daquela casa de ensino.

Este conjunto com suas marimbas, seus violões, com a Maria Terezinha Pires Barbosa em seu acordeon e com outros instrumentos, cativou deliciosamente a assistência. Todas elas trajadas de vermelho e branco, floriram a festa com a sua graça, a sua beleza e o seu encantamento.

Era uma cornocópia de cravos vermelhos, abertos para a vida, cheios daquela meiguice do amanhecer de maio, daquele encanto das noites de outono, daquela expressão terna do cair das pétalas de rosa.

Quando a cortina do palco se abriu, tive a impressão de ser o menino de outrora, entrando num sonho encantado.

O conjunto muito bem ensaiado por D. Dalva Tírico, cantou o "L'Alouette" e "Canta Brasil". A voz da solista Gilda Plastino, pareceu-me o fremir de cristais partidos, num cofre de veludo, modulando-se ao encantado dueto de Eglantina M. Perosa, que me produziu a mesma emoção que a Catedral Submersa de Debussy.

Quando no final todas as vozes se uniram, pareceu-me, tão bem, o cair do orvalho sobre um canteiro de rosas, num amanhecer de maio. E senti a emoção de estar ouvindo o bimbalar dos delicados sinos de uma árvore de Natal.

Este conjunto que tanto encantou aquela assistência, a cujas componentes me liga uma estreita e sincera amizade, eu classifiquei assim:

É o conjunto dos sonhos encarnados, Almas-rosas de vozes cristalinas, Alouettes dos bosques encantados, Encantando a cidade de Campinas!

Festa de Santa Margarida

FESTA DE NOSSA MADRE.

Com muito carinho e muito amor ela foi preparada!

E no dia 17 cedinho, toda a sua querida filharada lá estava ao pé do altar para pedir saúde, paz, bênçãos à bondosa Madre.

À tarde, no pátio, com a presença de numerosos convidados, Sacerdotes, professores, pessoas amigas e todo o colégio exibimos aos seus olhos maternais tudo de bonito que tínhamos e ela não conhecia: fanfarra, ginástica rítmica, números novos do Conjuntinho, Coral das Normalistas, etc. etc.

Aqui vão as palavras brotadas do coração de Eglantina que falou à Madre em nome de todas:

Seria desnecessário recordarmos aqui incidentes passados... mas hoje é a festa para a mamãe e quem fala é o próprio coração.

Lá se vão quase 7 anos, que uma meninazinha tímida de pouco mais de um metro, foi ter às portas de um colégio religioso.

Era novembro, e ela ia tentar um exame de habilitação ao curso ginasial.

Pela primeira vez deixava o aconchêgo e o carinho de sua casa e o seu coraçãozinho doía apertado de saudades.

Quando a mamãe lhe deu o beijo de despedida, ela buscou ansiosa um rosto amigo em quem pudesse encontrar carinho, amor, compreensão, tudo aquilo que se fôra, com a porta fechando-se atrás da mamãe.

Houve então um anjo bom que lhe falou doce e meigamente, um anjo de rosto leal, franco, olhar sincero e palavras sábias, cuja figura ela guardou para sempre no coração.

Era a Madre Margarida, maternal, carinhosa, ela se parecia estranhamente com a mamãe que ficara lá em casa.

E foi sempre assim que ela a viu através dos anos...

Hoje a meninazinha de então tem quase o dôbro do tamanho de outrora e no seu coração cresceu também a imagem daquela que talvez tenha ficado, com o correr do tempo, mais santa, e mais parecida com a mamãe, pois que cada vez mais cara ao meu coração.

E a pequenina do exame de admissão vive agora seus últimos dias de colégio, Ma Mère! Foi para mim como o despertar de um sonho que durara 8 anos o pedido que me fizeram para saudá-la. Só então me dei conta de que seria a última vez que a festejaria como aluna.

O coração tornou-se pequenino, tão pequenino como naquela tarde de novembro. E a alegria que senti pela honra, com que me distinguiam, envolveu-se numa onda de tristeza. Mas hoje é a sua festa, Ma Mère e não deixemos enublar-se este dia que tão rissonho amanheceu para conosco saudá-la.

Façamos dêle, um canto todinho de louvor à Mestra, à educadora na mais alta acepção da palavra, à mãe que te-



PAO DOS ANJOS PARA OS NOSSOS PEQUENINOS...

Estes anjinhos contemplaram maravilhados, no dia 30 de outubro, o 1.º encontro de seus irmãozinhos gêmeos, aqui da terra, com Jesus Eucarístico.

Eram 25 lírios lindos e branquinhos que ofereceram a Cristo Rei a homenagem de suas almozinhas cândidas e belas.

mos a ventura de possuir.

Trazemos no coração ainda quentinha a prece que pela senhora fizemos a Jesus na comunhão.

Que Ele lhe conceda as mais escolhidas e preciosas bênçãos, Ma Mère, dando-lhe no fim de sua vida, que bem longa lhe desejamos, o mais lindo dos céus.

Sintonizando com o meu coração os sentimentos de todos os corações filiais que a cercam, quero cantar bem alto a nossa gratidão:

Deus lhe pague por tudo, Ma Mère!

GENTE NOVA...

O número de netinhos do colégio acha-se acrescido com o nascimento de:

Alfredo Mário, ocorrido no Paraguai, no dia 23 de julho. Alfredinho é o primogênito de Maria de Lourdes Schreiner de Rojas.

José Osmar, primogênito de Vera Helena Maschieto Simões, nascido no mês de setembro.

Indiara, filhinha de Diva Verlaine Fialho Lima, ocorrido no dia 8 de setembro.

Renato, mais um filhinho de Iraê Prudente Corrêa Penteado, nascido no dia 12 de setembro.

Cristina Helena, primogênita de Bárbara Cecily Bueno Barros, ocorrido no dia 12 de outubro.

Para os queridos netinhos e caríssimas mães e papás as felicitações das Irmãs e alunas dêste Colégio.

ENLACES

Nair Sanchez Gomes com o Sr. José Antônio Martinatto, no dia 2 de julho.

Helena Bolsonaro com Sr. Edgard Pereira de Sousa, no dia 8 de julho.

Eduardina Tonani com o Sr. Humberto Spilimbergo, no dia 10 de julho.

Zélia Föffano com o Sr. Renato Martins Mattosinho, no dia 10 de julho.

Maria Moro com o Sr. Arnaldo Simon, no dia 9 de outubro.

Dirce de Lourdes Pinto com o Sr. Cláudio Lúcio Dotto, no dia 8 de dezembro próximo.

Aos caríssimos pares as felicitações, votos de muita ventura e preces das Irmãs e alunas do Coração de Jesus.

VOCÊ JÁ VIU NOSSA FANFARRA?...

...pois então precisa ver como ficou linda!

A farda branca e azul, elegante, bonita, vestindo o porte garboso de vinte e duas alunas, orgulhosas de seu papel.

Depois o ritmo marcial dos tambores, marcando a marcha de nosso desfile, em comemoração à data magna de nossa Pátria, o dia da Independência.

Parabéns a vocês, colegas da fanfarra!

Vocês foram as pioneiras das Fanfarras Femininas em Campinas... e agora, a primeira fanfarra uniformizada!...

Vocês estiveram bem à altura de seu papel e nós nos orgulhamos de vocês!...

—*—

15 DE NOVEMBRO...

Foi uma revoada, logo cedinho!

A 4.ª série e sua Mestra foram fazer a festa de despedida, nas alturas da Fazenda Sta. Teresa, em Valinhos.

A 4.ª série A, logo depois rumava para a Fazenda Riqueza, entre as montanhas de pedras e os encantos do Atibaia...

O 2.º Cíelo peregrinou a pé até a chácara...

E foi um dia de alegre despedida, de descanso merecido e de jubiloso convívio colegial.

OASIS

Nosso Retiro Espiritual pregado pelo Rvmo. Sr. Pe. Narciso Eremberg, do dia 21 a 25 de setembro, teve como fruto a fundação em nosso colégio do primeiro Oásis de Campinas.

No dia 5 de novembro, 1.º sábado do mês, o Snr. Pe. Narciso recebia a consagração das 28 primeiras oasistas.

Em meio às luzes do Santuário e a semi-obscuridade da tarde que morria, era bem um pedacinho do Céu aquela cena sublime, a um tempo simples e profunda!

Vivemos uma daquelas emoções que ficam vibrando a vida inteira na alma da gente... o coração das oasistas a murmurar baixinho, como em uma prece — que gostoso, Jesus!... e a gente a repetir, como num eco:

Que beleza!...

—//—

AUDIÇÃO MUSICAL

Revestiu-se de incomparável brilho a exibição musical das numerosas alunas do Conservatório Musical Santa Margarida, no dia 13 dêste mês.

Os nossos calorosos parabéns a todas as suas participantes e à sua excelente organizadora, Irmã Maria do Coração de Jesus.

À Josefe Latorre e Maria Inês Maschieto, formadas neste ano pelo conservatório, as congratulações efusivas de todo o Coração de Jesus.

Impresso nas oficinas da

CASA CARDENA - MOGI-MIRIM

Noite naval

A noite naval, de 23 de outubro, foi um sucesso absoluto, nos anais missionários desta casa!

Ela permitiu aos afoitos marinheiros-missionários das 4.ªs séries, 3.ªs e 2.º Cíelo lançar as âncoras da vitória, nos verdes mares dêste eucarístico 1955.

E que linda noite! Sob o azul estrelado de um céu tropical, o pátio das mangueiras era como imenso salão de festas de um possante transatlântico! Ao centro a elegante passarela para o desfile de modas, que "abafou" pela elegância, beleza e gentil modéstia de suas encantadoras concorrentes! Uma mais linda que a outra! E a Maria Isabel Marques que estava "tout à fait" um primor e um "vrai petit amour", só podia ganhar, com 10 mil votos!

E a Zezé de Sousa Coelho, "eta carioquinha alinhada", estava linda como que! merecendo mais, muito mais que os 6 mil e tantos votos que lhe deram!

E as mesinhas brancas salpicadas de navios-cardápios, brancas velas enfunadas à brisa da noite...

E as barraquinhas de prendas, de doce, de salgados, de jogos...

E o tablado imenso e o "show" com o conjuntinho, os bailados, os sapateados, violões, sanfonas...

E aquelas 80 garçonetes à marinheira, de golinhas verde, vermelha, azul, roxa, cor de mel, "bois de rose", usando um gracioso quepinho branco!

Bem, são 7,30! A festa vai começar, as mesas locupletam-se, entra triunfalmente o... adivinhem quem? o vice-governador de Estado, General Porfírio da Paz, saudado por calorosa salva de palmas dos assistentes.

E em meio da alegria de todos, sucedem-se os leilões, os números festivos, comes e bebes, culminando com o desfile de modas, e por fim a apuração final dos votos das desfilantes.

E tudo isso durou até quase meia noite.

E depois de tudo...

Apuração final dos resultados do trabalho missionário, no dia 14 de novembro:

Normal — 3 classes:

Cr\$ 33.327,00

Liga Sta. Teresinha — 10 classes:

Cr\$ 55.185,50

U.M.G.C. — 4.ªs séries, 3.ªs e 2.º cíelo:

Cr\$ 93.199,90

Total Geral: Cr\$ 181.708,40.

Marinheiros! A postos! Lançar âncoras...

Nos verdes mares da vitória!...

Te Deum laudamus!

—//—

NOIVADOS

Participaram-nos seu noivado:

Alcira de Aguiar e o Sr. Alex Riedel, no dia 5 de outubro.

Para ambos o abraço de parabéns e as orações de toda gente do Coração de Jesus.

MEU CANTINHO ALEGRE

SIC TRANSIT

— Heloísa Montenegro, que é efêmero?

— E' uma coisa que passa rapidamente, não é, Ma soeur? assim como a côr do cabelo da Cidinha Salibi...

—X—

O ESTILO SERÁ O HOMEM?

Na aula de Geografia, a Esterzinha Guerra leu que a população de certa cidade constava de 25 mil **almas**. Leu, pensou e concluiu:

— Puxa, Irmã, o homem que escreveu isto deve ser muito católico!...

—X—

SONHOS POÉTICOS...

A Gilda Plastino contou, tôda animada às colegas que sonhara um sonho lindo:

— Imaginem que morri e puseram românticamente no meu caixão um arco de violino e a **carta**...

—X—

LATINORUM...

A 1.ª série aprendeu a falar "presente" em latim, mas no dia seguinte tôdas responderam em português... Só a Yara Silva Melo, quando chegou a sua vez, gritou triunfante:

— EDSUM!

—X—

TÃO LONGE... DE MIM DISTANTE!

A Irmã dava Literatura Portuguêsa e, falando de Júlio Dinis, contou que ficara tuberculoso e fôra fazer uma cura de repouso em uma aldeia, mas sem resultado.

E a Madalena Raposo de Medeiros que ouvira só um eco do caso, aparteu condôida:

— Oh! coitado, Ma soeur, porque êle não foi para Campos de Jordão?...

—X—

"ETA FIGO PESADO!..."

Dr. Almeida dizia no Pré que um fígado de pessoa adulta pesa mais ou menos, 1 quilo e meio, no máximo, dois.

— E entra no pêso total da gente? pergunta cãdidamente, a Heleni Vanti.

— Não, responde vivamente a Vera Lúcia Menezes, quando a gente vai pesar, a gente tira o fígado...

—X—

PROVA DE NOVES FORA

Maria Helena Ibraim estava no recreio, contando algumas de suas loretas... que um sírio velho que está querendo casar com ela, dera-lhe um anel de pérolas e um colar...

— Ah! é? diz a Zezé de Sousa Coelho, então cadê êsse anel e cadê êsse colar?...

—X—

OS CUIDADOS NÃO ME ATINGEM

O "Peixinho", Maria Regina Afonso, da 1.ª série, disse à Irmã que es-

tava doente e por isso não podia dar a lição.

— Mas o que é que você tem, heim peixinho?

— Eu não sei o que tenho, mas a minha mãe sabe...

—X—

ANALOGIA E' UM FATO

Os versos de 4 sílabas chamam-se... quadras! os de cinco... quintilhas... os de seis... sextilhas... os de sete... setilhas e os de oito... Como se chamam mesmo, Ana Maria Betim?

— Otilhas, não é, Ma Soeur?

—X—

NO ÚLTIMO DIA DE AULA

— Ma soeur, deixe-me sair para tomar água?

— Não, agora não, Maria do Rosário.

— Nossa, Ma soeur, a senhora anda brava!

— E'? hoje é o último dia viu?

— Então é o último gole amargo que a senhora traga, não é, Ma soeur? diz tôda inspirada a Maria da Glória Séber.

—X—

FORAM BUSCAR LÃ E SAÍRAM TOSQUIADAS...

Comédia — Cenário 2.ª série B

1.º ato

— Olhem, meninas, vai haver sessão do Grêmio, agora; vocês querem ir ou sair?

2.º ato

— Qual o programa, Ma Soeur?

3.º ato

Explicação do programa.

4.º ato

— Queremos sair.

5.º ato

Saída pela portaria.

6.º ato

Estão entrando diversos rapazes de outros grêmios...

7.º ato

— Ah! Ma Soeur, a senhora não contou que tinha isto no programa... podemos ficar?

8.º ato

— Não senhoras! já para casa!

Cai o pano.

—X—

TIRE O CHAPÉU DA EUGÊNIA...

Na aula do Pré, Dr. Almeida, mandou Noely Veloso ler e interpretar certo ponto ainda obscuro. Tratava-se da Supra-renal na produção da adrenalina.

Na guerra, interpretou ela, há uma super-produção de adrenalina, por causa da tensão nervosa... Mas, a Eugénia condena êste meio, e aconselha os esportes, jogos...

— Eugénia? Quem é essa Dona, ein professor? perguntou ela interessada...

ECOS HUMORÍSTICOS DA DESPEDIDA DO 3.º CLÁSSICO

Da autoria de

Maria Helena G. Fonseca

Dra. Irene tão romântica,
A dentista já passou
Há de ajudá-la São Tonico
Na carreira que abraçou...

Quando um dente arrancar
Que seja bem corajosa
Não vá não desmaiar,
Você que é muito dengosa...

Um dia, aos Einsteinzinhos
Maria Eugénia irá ensinar
Ensine-os bem direitinho
Os problemas decifrar.

Uma brilhante oradora
Maria Helena há de ser
Usará metralhadora
P'ra os jurados convencer

Do Clube da Lanterna
A Fuluca já faz parte
As polêmicas filosóficas
Defende com muita arte.

Para Vilma nós lembring
Que além do inglesing
E' preciso um diploming
De encering e cozinhing...

—X—

A VIDA VAI SEGUINDO...

E a vida vai seguindo...
Foi inverno, é primavera,
Outono, as fôlhas caíndo
E a vida torna ao que era.
Esperanças vão fluíndo,
Tais como as ondas do mar.
Porque a vida vai seguindo
Sempre, sempre sem parar.
E a vida vai seguindo
Tráz aos jovens ilusão
Aos velhos deixa saudade.
Dos tempos da mocidade...
Sonhos lindos vão sumindo
Como bolhas de sabão...

Maria Helena Fonseca Guimarães
2.º clássico

—X—

ROBERTA ROCHA BRITO COM MÉDIA 10 EM NOVEMBRO

Parabéns, D. Roberta!
Coisa louca! Que portento!
Dez em tudo!... que beleza!
Isto sim, é cem por cento!

—X—

AO GENSC — JORNALZINHO DO COLÉGIO DE CATANDUVA

Nosso irmãozinho, o GENSC,
Nasceu lá em Catanduva.
Que caçulinha mais lindo!
Saiu mesmo uma uva!

A êle quer o Veritas
Saudação apresentar
Deus o faça sempre mais
Progredir e aumentar.

A Neta do Escultor

Continuação
da 2.ª pág.)

se encaminhava para êle. Naquele instante um suspiro pesado entumeceu-lhe o peito.

Pensaria êle na Virgem de pedra, que êle mesmo proclamara uma obra-prima? Pensaria êle que o orgulho é sempre punido?

Talvez, diante daquela linda criança loura, retrato vivo das duas mortas que se tinham ido tão cedo repousar num túmulo, êle revivesse os anos de sua juventude e suspirasse então com doces saudades dos dias passados.

A velha criada veio chamá-los para o jantar. Sentaram-se, um em face do outro, diante da mesa posta. Madalena comia distraidamente. O avô a olhava pensativo. A velha Marta os servia e ansiosa contemplava a jovem. Temeria ela não vê-la mais com vida no dia seguinte?

O jantar chegava ao fim e Lena cortou o silêncio. Sua voz vibrou docemente no aposento que a sombra da tarde começava a invadir.

— Vovô, murmurou num tom de meiga censura, porque nunca me disse que era o escultor da Virgem da Capela e que eu me parecia com ela?

O homem enrubesceu, depois tornou-se pálido e murmurou, evitando responder a primeira pergunta:

— Nunca notei esta semelhança, minha Leninha!

Mas, sob o olhar franco da neta, êle se turbou e juntou com energia como para dar um formal desmentido ao seu próprio pensamento:

— Não te pareces nada com Ela! Nem queiras que assim seja, pois, isto trouxe a infelicidade à duas mulheres cujas feições lembravam as dela, como o modelo lembra o quadro.

Em seguida, levantou-se e saiu.

Madalena veio apoiar-se no pequeno

balcão de madeira esculpida que dava à residência um aspecto de chalet suíço. O ancião andava sob os plátanos com passadas inquietas. Ia e vinha, preso de estranha agitação, murmurando palavras desconexas.

E Lena percebeu algumas frases que a intrigaram, como um enigma:

— Superstição! dizia o avô, pois afinal isto não pode ser um castigo! Fatalidade! Um escultor não pode sentir-se orgulhoso de sua obra? E eu orgulho-me da minha! E eu o repito: "A Virgem, em seu céu, não seria mais bela! Não!... Não!..."

Disse ainda mais coisas que ela não mais entendeu.

Leninha olhava o jardim que se estendia a seus pés, o céu e o horizonte que se descortinavam ao longe. A lua brilhava no céu. Seus raios semeavam cristalinas pinceladas no Mediterrâneo azul que parecia dormir ao longe. A neve dos Pirineus parecia ter-se deramado no jardim. As roseiras, os cravos, as tuberosas cintilavam de uma brancura ideal, muito pura e leve. Era a lua que polvilhava, como neve, a superfície das corolas. Um aroma balsâmico flutuava na noite.

Pareceu à Lena que aquela grande maré de flores apoderava-se da casa, tomava de assalto a sacada onde ela se achava.

Entrou bruscamente e cerrou a janela.

Então, em sua pobre cabeça cansada, uma frase que ela ouvira, não se lembrava onde, começou a vibrar. Uma frase curta, cinco palavras apenas: "As duas tinham 20 anos!"

E Lena pensava que dentro de 6 meses, ela também teria 20 anos... Se ela morresse, lá em baixo, sobre a

tumba, gravar-se-ia mais um epitáfio parecido com o de sua mãe:

"Madalena Tarin Y Perez — 20 anos!"

Seis meses se escoaram...

Outubro amarelava as fôlhas dos plátanos. O vento desfolhava as últimas rosas... e o mal terrível que levava a mulher e a filha do velho escultor, tinha lançado também, Madalena ofegante, num leito de dor. Um mal atroz estrangulava-lhe o peito. Num gesto cruciante, ela tentava repelir o pêso que a sufocava. Em seu belo semblante lívido, dois grandes olhos sombrios abriam-se dilatados, e sua expressão suplicante cortava o coração!...

Pobre Leninha!... Como sofria!...

Mas êle também sofria, êle, o velho escultor, que uma implacável fatalidade havia feito viúvo e pai desolado; êle, a quem esta mesma fatalidade parecia querer tomar a filha de sua filha, a alegria de seus velhos dias!...

Soluçava, ajoelhado perto do leito de Lena. A velha criada ia e vinha, desesperada, chorando grossas lágrimas... A moribunda olhava indifferente a velha criada e o avô.

Bruscamente, numa voz sumida, murmurou:

— Amanhã farei 20 anos, amanhã morrerei vovô!

— Não! Tu não morrerás! gemeu o ancião, enlouquecido pela dor. Proíbo-te! Não queres obedecer a teu velho avô? Hás de ficar comigo! Hás de fechar-me os olhos! Oh! Leninha, não há de ser nesta idade que te depositarão num túmulo!

Os soluços embargaram-lhe a voz. Lena delirava. Sua cabeça loura se agitava sem cessar sobre o travesseiro. Os lábios pálidos murmuravam sem cessar:

— Amanhã, amanhã estarei morta!

Tornava a adormecer e em seu sono ligeiro, novamente se via presa do delírio.

De repente soergueu-se, os olhos desvairados. Percebia no vazio, um objeto que talvez só ela enxergava com nitidez: uma pedra branca, coberta de pétalas doiradas. Com a mesma clareza divisava as palavras gravadas. Solteu letra por letra e de súbito traduziu-as em voz alta:

— Madalena Tarin Y Perez — 20 anos.

Suas mãos se debateram no ar; ergueu-se e depois recaiu sobre o leito, lançando um grito de horror.

A criada enxugou a espuma que cobria os lábios da agonizante. Depois, ajoelhando-se, rezou... Nisto uma idéia súbita surgiu no espírito fortemente agitado do velho escultor. Porque não rezaria êle também? Como não pensara nisso mais cedo? Levantou-se e sem ruído deixou o quarto. Através da frecura daquela manhã de outubro, Luís dirigiu-se à capela. Com passos lentos, areado sob o fardo da dor, atravessou o pequeno vestíbulo, penetrou no santuário e foi ajoelhar-se aos pés da estátua.

— Oh! Virgem Clemente! murmurou, tende piedade!

Floriram os «flamboyants»...

(Conclusão
da 1.ª pág.)

séria e verdadeira da Maria Eugênia? A simplicidade espontânea e encantadora da Irene?

E depois, num pulsar mais forte de coração, sinto Zézé chorar de verdade no ombro da sua Fuluca. Hei de levar para sempre a recordação desses 3 meses passados juntas e da afeição que em tão pouco tempo você despertou em meu coração, Zêquinha querida!

E assim a Reny, a M. Helena Fonseca, e todo êsse adorável 2.º ciclo!... Se a gente fôsse nomear uma por uma, o Veritas se faria pequenino para contê-las todas!...

Entro na capela e a dogura daquele silêncio piedoso, reconfortante, envolve-nos a alma. Ali estão, sentinelas constantes, junto ao Cristo, as queridas Irmãs. E ao vê-las absortas na prece que sobe aos céus, trazendo de lá tesouros de bênçãos para nós todas, a gente sente vontade de sussurrar ao ouvido de cada uma a nossa gratidão!

Mas na capela só se fala com Nosso Senhor, e então a gente vai direitinho

ao Sacrário e lá, derramando no Coração de Cristo, o muito que nos vai pelo coração, suplicamos-Lhe seja Êle mesmo a sua magnífica recompensa.

Depois é a saudade dêste mesmo Jesus da capela, Amigo de todas as horas, que vem de mansinho aninhar-se no coração...

O barquinho vai partir para alto mar, Jesus! Sê de agora em diante, o nosso timoneiro. Só tu, em tua onipresença, poderá seguir-nos vida afora...

Na praia ficarão aqueles que nos ensinaram a remar, acompanhando de longe o embate de cada barquinho.

Velhos barqueiros, conheçam de perto, as incertezas do mar, Senhor!

Ouve a prece, que pelas mãos da Virgem, "Stella Maris", elas fazem subir por nós junto ao seu trono de amor.

E vós, velhos barqueiros, guardai a certeza de que não vos abnegastes em vão!

Eglantina Maria Valenti Perosa
Diretora do "Veritas"

(Conclui na 8.ª página)

A Neta do Escultor

(Conclusão
da 7.^a pág.)

Em sua indizível angústia, não conseguia dizer outra coisa: tende piedade!

Na meia claridade do templo, a estátua parecia completamente branca em sua beleza imaterial. E o ancião novamente admirou a sua obra. Não era à Virgem do Céu, que ele dirigia sua prece! Não! Era aquele pedaço de mármore que fazia sua súplica ardente, brotada do coração.

— Tende piedade! Tende piedade!

E a graça do gesto daquela mão acariciando os lírios, a fineza etérea das flores de mármore e o oval delicado daquele semblante a sorrir, penetrou na alma do escultor:

— Eu a fiz bela! Eu a fiz bela!... Deve ser boa também!

E de novo suplicava à "sua" obra, à sua obra prima:

— Tende piedade! Tende piedade!

Ah! Não devia ser em vão que a chamavam Virgem Clemente! Pedir-lhe-ia tanto que Ela certamente ouviria sua prece. Chorava, batia no peito e repetia implorando:

— Tende piedade! Tende piedade!

Ela impediria o impulso daquela morte implacável que parecia querer ceifar sua linda Leninha! Ela devolver-lhe-ia a netinha, a ele, trêmulo ancião, para quem a moça significava a própria vida!

E o escultor se dirigia à imagem como antigamente os romanos rezavam aos deuses de pedra! A invocação ardente não iria além daquele pedaço de mármore! Insensato! pensas tu que és algum criador? Pensas que se pode ouvir aquela Madona imóvel?

Mais alto! Mais alto! dirige tuas preces àquela que os anjos servem de joelhos, àquela cuja fronte pura é coroada de estrelas. Ela está lá no alto, a Virgem Clemente da qual talhas-te apenas uma grosseira imagem. E' à Ela que deves rogar:

— Piedade! Tende piedade!

Repentinamente o escultor levantou-se apavorado.

Uma nuvem se interpôs entre ele e a Virgem, uma nuvem dourada, num raio de sol. Em seguida o véu diáfano rasgou-se e ele viu uma Senhora de pé sobre a nuvem escura matizada de ouro.

Quem poderá descrever a beleza desta risonha aparição? Quem descreveria a emoção do escultor, vendo diante d'ele esta Senhora, não mais fria, inanimada, mas, viva, com seu olhar desplascente fixado sobre o ancião desvairado?

Lá estava Ela, infinitamente bela e majestosa. Com uma das mãos acariciava as corolas brancas, como a neve, de dois grandes lírios, cujo precioso aroma perfumava a capela. Com a outra, abençoava o pobre escultor que soluçava, presa de indizível emoção.

Depois a aparição sorriu-lhe ainda uma vez e desapareceu, envolta pela nuvem luminosa.

Luís permaneceu sozinho na capela silenciosa. Prostrado em terra, a fron-

te inclinada, repetia através das lágrimas:

— O' Virgem Clemente, perdoai o meu orgulho, tende piedade de mim!

De súbito se fizera luz em seu espírito. Ele havia visto a verdadeira beleza; todo o seu orgulho se desvanecera. Não era apenas a fatalidade que o perseguia em suas mais caras afeições: era o castigo. Fôra orgulhoso; desafiara até mesmo o céu!... e o céu o punia agora. Havia admirado sua obra; adorara a pedra talhada; ousara comparar sua estátua de mármore com a Virgem... e a Virgem o experimentara.

Assim era por sua causa que Lena morria! Havia sido ele que matara a encantadora Rosa, tão doce e tão boa; fôra ele ainda o causador da morte da bela Madalena que, angustiada, deixava a filhinha recém-nascida.

E agora era sua neta, sua Leninha, cujos grandes olhos cerrar-se-iam para sempre!...

Ah! como não ter visto, como não compreendera que era ele, somente ele, de um orgulho miserável que atraíra o castigo sobre estas cabeças jovens?

Profundo soluço dilacerou-lhe o coração! Juntando as mãos crispadas, balbuciou:



À mercê da sorte

(Conclusão da pág. 3)

que a mansidão é a ordem mais suave e a súplica mais comovedora. Senti que minha vida tomava outro rumo, aproximava-se mais de Deus, pois a figurinha querida da minha mestra fêz-me pensar muitas vezes, enquanto eu a fitava:

— "Jesus deve ter sido bom assim"...

Termino agora o 3.º clássico. Sei que muitas vezes ao passar pelo colégio, sentirei vontade de entrar. Não como estranha na sala de visitas. Mas como a menina que entrava ofegante, no último minuto antes do sinal, corria pelos pátios como em sua própria casa, entrava na gruta, no laboratório, no salão e na capela.

Porém, é preciso que me vá. Outras têm direito de sentir todo o carinho e todo o bem que eu encontrei na minha mãezinha-mestra.

Vou-me exatamente como cheguei. Não levo a "lancheirinha nova" dos meus três anos pequeninos, mas em troca levo a convicção, o amor à verdade, e um caráter bem formado.

Choro também, mas as lágrimas desta vez, não são porque minha mãe se vai, mas sim, porque ela fica...

Largo-me para a vida, à mercê da sorte, mas cheia de confiança, porque aprendi a fazer o bem, a dar valor ao

— O' Maria, ó Virgem Clemente, piedade, tende piedade!...

E desta vez era do mais profundo de seu coração que o velho escultor suplicava à Aquela que acalma o furor do oceano e faz cantar os anjos do céu!...

Rezou durante muito tempo, de joelhos, sobre a lage fria. Depois o ancião voltou para sua casinha escondida entre os plátanos. Os guisos de um longo rebanho de cabrinhas brancas enchiam a límpida atmosfera com sua música lenta, cristalina e sem tréguas.

O escultor penetrou, tremendo de medo, no quarto onde a velha Marta rezava ainda...

Lena, estendida no leito, dormia um sono calmo, às suas faces tinham voltado a côr rósea de outrora.

A neta do escultor estava salva.

*
* *

E a Virgem de pedra sorri ainda na capela. Sobre o túmulo branco, que as rosas engrinaldam, um novo nome está gravado:

LUÍS PERNEZ — ESCULTOR

E' lá que Lena vai rezar muitas vezes, acompanhada de dois loirinhos lindos de grandes olhos sombrios. Eles já sabem juntar suas mãozinhas e rezar à Virgem Clemente, que acaricia as flores e os pássaros e abençoa as criancinhas.



que é certo e a não desanimar, mesmo quando perseguida pela injustiça.

Porisso, mesmo que quisesse, os agradecimentos à minha mãezinha seriam ínfimos, comparados a todo o bem que ela me fez. Posso apenas oferecer-lhe as muitas lágrimas que de gratidão e saudade por ela irei chorar sempre.

—X—

ANDORINHAS QUE PARTEM...

O "Veritas", interpretando os sentimentos das Mestras, Professôres, e alunas dêste Colégio, congratula-se com as Professorandas dêste ano, desejando-lhes com bastante amizade a maior felicidade possível na carreira escolhida e as Bênçãos do Coração de Jesus e da Virgem do Calvário.

//

DE VOLTA ENTRE NÓS!

A querida Irmã Maria Odila, vinda da Argentina onde esteve por 2 anos, as boas vindas de Irmãs e alunas do Coração de Jesus.

Também entre nós, acompanhando Notre Mère Soeur Marie Noella, ansiosa pelos trabalhos missionários de Guajará-Mirim. O Brasil e tôdas as brasileiras recebem de braços abertos nossa querida Irmãzinha.

Estêve de passagem em nosso Colégio a mui querida Irmã Maria Assunção, vinda da Argentina, para visitar seu papai que conta já mais de cem anos. A' ela nosso abraço carinhoso de boas-vindas.